

**19**

2 0 1 9

**Revista  
de História  
da Sociedade  
e da  
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sá, Isabel dos Guimarães (2018). *O regresso dos mortos: os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 331 pp., ISBN 978-972-671-485-9.

A obra em epígrafe, *O regresso dos mortos: os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)*, de Isabel dos Guimarães Sá, coloca no centro da sua análise uma instituição: a Misericórdia. Esta instituição era, simultaneamente, sinónimo de estatuto e/ou poder para alguns portugueses e de comunhão e/ou aceitação geral por parte de uma comunidade, contribuindo para a sua coesão.

Isabel dos Guimarães Sá doutorou-se, em 1992, no Instituto Universitário Europeu de Florença. Inicialmente, dedicou grande parte dos seus estudos às camadas mais desfavorecidas da sociedade moderna portuguesa. Entre os diversos livros publicados, destaque-se a obra *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800*, publicada em 1997. Desde então, avançou com estudos sobre a pobreza e a caridade associadas à instituição das Misericórdias. Recentemente, tem dedicado as suas pesquisas a percursos individuais, procurando reconstituir as suas famílias, as trajetórias (individuais e coletivas), o património, a cultura material e os rituais associados à sua morte, como acontece na presente obra.

Com a presente obra, Isabel dos Guimarães Sá contribui com grande pertinência para a compreensão da relação entre a Misericórdia-instituição e os agentes que gravitaram em seu redor. Sobretudo o modo como esta instituição permitiu “o regresso dos mortos”, que se encontravam em diferentes espaços do império português (Japão, Macau, Angola, Brasil, etc.) ou se relacionavam com os mesmos de alguma forma.

Através da recolha cuidada de um significativo grupo de casos individuais que testaram a favor da Misericórdia do Porto, nos séculos XVI-XVII, a autora procurou identificar repetições suscetíveis de constituir padrões de comportamento, entre os doadores que legaram uma maior pluralidade de documentação (inventários, partilhas, causas de justiça, etc.), destacando indivíduos, casos pontuais e famílias.

A presente obra divide-se em 10 capítulos, organizando-se tematicamente do geral para o particular, num estudo em que a autora não se focou na longa duração, mas num período relativamente curto de tempo. De leitura fácil e perceptível, tanto ao público académico, como a um público mais vasto, fornece *a priori* ferramentas ao leitor (capítulos 1 a 5) que o permitem entender com

maior inteligibilidade os assuntos posteriormente dissecados (capítulos 6 a 10).

Nos primeiros cinco capítulos da obra, explicita-se, de modo introdutório, o sistema e leis de transmissão de bens por herança nos séculos XVI e XVII, a tipologia de testamentos e regras para a sua elaboração, onde se destaca(m) a(s) Misericórdia(s) como representante(s) dos defuntos. Procura-se também introduzir o leitor no cenário de análise: a cidade do Porto, local de origem dos doadores que manifestaram vontade de ali voltar após a sua morte. Define-se, ainda neste âmbito, um esboço dos doadores da Misericórdia do Porto (sexo, estado civil, profissão e estatuto social), entre os quais, se destacam: o clero, as mulheres e os doadores relacionados com os espaços transoceânicos. Em seguida, é escrutinada a relação entre os doadores e a Misericórdia, como meio para a salvação eterna das suas almas, reconhecendo que os primeiros legavam à instituição bens, sob a forma de capital ou de propriedades que, por sua vez, a Misericórdia tratava de os converter em bens espirituais (rituais como a celebração de missas, ofícios, ações de caridade, entre outros). Ao finalizar esta parte, apresenta a abordagem metodológica e documental por que optou, a fim de reconstituir as trajetórias dos doadores. A autora contrariamente ao expectável estudo dos registos notariais que testemunham diretamente a morte de uma pessoa, focou-se no acervo documental da Misericórdia do Porto relacionada com os seus benfeitores. Dos testamentos resultavam outros tantos documentos: inventários de bens móveis e de raiz, leilões, autos de posse, cópias de correspondência, contratos, causas de justiça, etc. Consideramos que as sete páginas em que se explicam estas questões são fundamentais à compreensão da reconstituição das trajetórias dos doadores, que ocupam o centro da análise da obra daí em diante.

Por sua vez, na segunda parte da obra, faz-se uma análise entre o individual e o coletivo, agrupando indivíduos e famílias que adotaram a mesma linha de comportamento na hora da morte. Por um lado, temos doadores relacionados com o mundo ibérico e, por outro, doadores transoceânicos, que se dividiram em dois espaços principais: o Estado da Índia e o eixo atlântico. Veja-se o caso de Belchior Pais que partiu como escrivão da feitoria de Malaca, em 1535, mas que acabou por fazer fortuna como mercador. Faleceu na viagem de regresso ao reino, em 1543, na qual redigiu o seu testamento. A ele se deve o dinheiro que patrocinou o início das obras da sede da Misericórdia, a casa da confraria inaugurada em 1550 (Sá: 2018, 70 e 145). Ainda o caso de D. Lopo de Almeida, sobrinho-neto de D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra, eclesiástico riquíssimo que viveu grande parte da sua vida em Madrid, foi considerado um dos doadores mais relevantes da Misericórdia do Porto.

Graças a ele, foi construído o maior hospital da cidade nos inícios do século XVII (Sá: 2018, 121). Estas são apenas duas das várias histórias reconstituídas por Isabel dos Guimarães Sá que permitem compreender como um legado individual (bens móveis, imóveis e rituais) tinha impacto no quotidiano de populações, a curto e médio prazo, condicionando diretamente e de uma forma muito particular o seu desenvolvimento e bem-estar.

Para a análise coletiva, a autora destaca famílias de períodos coniventes, mas selecionando geografias diferentes. Atente-se ao caso dos Ferreiras, em que a autora principia pela análise do testamento e doações do capitão Diogo Ferreira, a que se segue o testamento do seu pai, Pantaleão Ferreira, mas também do seu irmão jesuíta, Paio. Trata-se de uma análise que, ao partir de um caso particular, reconstitui o percurso familiar dos seus diversos membros. O caso desta família dá conta das oportunidades que o império ultramarino poderia abrir aos diversos filhos (homens) de uma mesma família, indo mais além, na medida em que estes retornavam “mortos” ao seu local de origem, sob a forma de diversos bens, mas também o destino conventual das suas cinco filhas.

Em síntese, ao fazer convergir indivíduos, família(s) e patrimónios, enquanto principais eixos de investigação, a autora dá um significativo contributo ao estudo das transformações provocadas pela expansão oceânica no mundo dos portugueses dos séculos XVI e XVII. Assim, reconhece-se maior sentido ao título da obra, na medida em que o “regresso dos mortos” acontece quando os doadores da Misericórdia do Porto com a pretensão de assegurar a sua salvação, perpetuam o seu legado e estatuto na terra.

Conclui-se que, além de uma obra de grande pertinência, *O regresso dos mortos: os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)*, de Isabel dos Guimarães Sá, possui elevada qualidade científica, ao cruzar diversas linhas de investigação, numa análise global e interconectada. Além disso, providencia um conjunto de ferramentas para uma abordagem que eleva o indivíduo em detrimento do anónimo global. Pelo que, deixa em aberto futuras perspetivas de investigação acerca de outras Misericórdias do território português, que na presente obra têm um paradigma metodológico e uma abordagem temática de referência à elaboração de outros estudos do género.

GABRIELA NÓBREGA  
CHSC – Universidade de Coimbra  
agabrielanobrega95@gmail.com